

**PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGUÍSTICA
CULTA DE ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CAPITAIS
DO BRASIL — Marília, Conselho Municipal de
Cultura, 1970, 81 pp.**

Um volume que contém os principais documentos referentes ao *Projeto* e outros com ele relacionados, coordenados pela Comissão Brasileira que se encarregou do «Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil», publicado sob o patrocínio do Conselho de Cultura da Prefeitura de Marília.

Primeira parte: *Antecedentes*:

- 1) A proposta inicial de Juan M. Lope Blanch.
- 2) As reuniões de Madri, Bogotá, São Paulo, México.

Segunda parte: *O Projeto no Brasil*:

- 1) O relatório de Néelson Rossi.
- 2) As reuniões de São Paulo, Porto Alegre, Capivari.

Da preparação e publicação desse volume ficou encarregado o Prof. Ataliba T. de Castilho da representação de São Paulo.

A proposta inicial de Juan M. Lope Blanch.

- Idéia de uma reunião continental de lingüística para o desenvolvimento da Lingüística e sua aplicação — 1958.
- Fundação do «Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEL), que teve seu I Simpósio em Cartagena (Colômbia) — 1963.
- Em Bloomington (EE. UU.), durante o II Simpósio, o Prof. Juan M. Lope Blanch apresenta o Projeto de Estudo da Fala Culta das Principais Cidades Hispano-Americanas — 1964.

Reunião de Madri

De 24 a 29 de outubro de 1966, representantes hispano-americanos e espanhóis reúnem-se em Madri para o estudo coordenado da fala atual

nas grandes cidades hispânicas. As sessões se realizaram no Instituto de Cultura Hispânica, quando se decidiu estudar a fala de Barcelona, Bogotá, Buenos Aires, La Habana, Lima, Madri, México, Montevidéu, Santiago do Chile.

Entre outros expedientes, procedeu-se à divisão do trabalho consubstanciado num *questionário orientador* a cargo dos representantes de La Habana-Austin, Madri, Buenos Aires, México, Montevidéu, Santiago, Bogotá, Granada.

Reunião de Bogotá

Realizada de 29 de maio a 3 de junho de 1967, com a presença de vários professores sul-americanos, inclusive Néelson Rossi, do Brasil, além de representantes da Espanha e do México. Prosseguiram aqui as orientações para a realização do Projeto, com várias recomendações úteis à sua eficaz execução.

Reunião de São Paulo

De 9 a 14 de janeiro de 1969, quando uma circular assinada por Juan M. Lope Blanch, de 21 do mesmo mês, agasalha os acordos que se firmaram nesse reunião de São Paulo.

Esteve aí reunida a «Subcomissão Executiva do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta das Principais Cidades da Ibero-América e da Península Ibérica», da CLDI do PILEL.

Entre os princípios metodológicos reafirmados em São Paulo, está o de só estudar a língua falada urbana, excluindo-se a língua escrita; selecionar os informantes dentre três gerações sucessivas.

Reunião do México

Realizou-se de 8 a 13 de setembro de 1969, nova reunião da Subcomissão, na Cidade do México, quando se tomaram, entre outras, as seguintes decisões:

1. O *Questionário* constará de três tomos:

Tomo I — *Fonética e Morfossintaxe* das classe de palavras.

Tomo II — *Morfossintaxe* das frases e da oração, a cláusula e o período; estruturas coloquiais.

Tomos III — Léxico.

2. Realização das investigações em duas etapas sucessivas:

Primeira etapa: Léxico, Fonética e Morfossintaxe das classes de palavras.

Segunda etapa: Morfossintaxe das estruturas complexas (Tomo II do *Questionário*) e temas adiados.

3. Realização de investigações, tomando-se por base 100 horas de gravação em cada cidade, com possibilidade de ampliação, se necessário, para 200 ou para 400, ou redução, nunca inferior a 25.

O Projeto no Brasil

O Relatório de Nélson Rossi

Por ocasião do IV Simpósio do PILEI, realizado em janeiro de 1968 no México, o Prof. Nélson Rossi apresenta à CLDI do PILEI um relatório em que discute a possibilidade e as condições de participação do Brasil no Projeto. Lembra mesmo a alta conveniência, para o Brasil, de incorporar-se ao Projeto, evidenciando os pontos comuns à problemática do espanhol na América e do português no Brasil.

Contudo não se conforma com o critério adotado no Projeto, no que se refere ao número de cidades onde se estudará a norma culta, pois o Projeto prevê uma única cidade para cada país (capital de nação). Sugere a reformulação desse aspecto para que melhor se ajuste às condições lingüísticas do Brasil.

Após várias considerações, aponta cinco capitais brasileiras, cujas normas cultas devem ser estudadas, para que se tenha uma imagem do português do Brasil correspondente à que do espanhol da América se obterá das capitais de nações. São as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador.

Informado do Projeto do PILEL, o Prof. Ataliba T. de Castilho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP), desconhecendo os entendimentos para inclusão do Brasil no Projeto, chegou a propor uma adaptação para a área paulista, com o título de *Descrição do Português Culto na Área Paulista*. Embora tenha iniciado contacto com vários professores brasileiros e estrangeiros, para os quais remeteu o texto mimeografado do Projeto, encontrando-se com o Prof. Nélson Rossi, tomou conhecimento do Relatório Rossi e passou a integrar o futuro projeto de âmbito nacional.

Reunião de São Paulo

Aproveitando a presença de vários professores brasileiros reunidos no III Instituto Interamericano de Lingüística, a 11 de janeiro de 1969, convida o Prof. Nélson Rossi uma reunião, na qual ressalta a necessidade de escolher os responsáveis pelo trabalho em cada uma das capitais brasileiras indicadas.

Depois de algumas consultas, estabelece-se o quadro dos responsáveis: Salvador, Prof. Nélson Rossi; Recife, Prof. José Brasileiro Vilanova; São Paulo, Profs. Isaac Nicolau Salum e Ataliba T. de Castilho; Porto Alegre, Albino de Bem Veiga. O Prof. Juan M. Lope Blanch faria uma consulta à Cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal para a indicação do representante do Rio de Janeiro.

Para a Coordenação Geral do Projeto no Brasil, adotado o sistema de rodízio, indicou-se para primeiro Coordenador o Prof. Nélson Rossi, que seria substituído na próxima reunião da comissão.

Recordaram-se ainda nessa reunião outras iniciativas paralelas aos esforços do PILEL, além de se apontarem vantagens que hão de seguir à aplicação do Projeto ao estudo do português do Brasil.

Reunião de Porto Alegre

Na Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, de 3 a 7 de novembro de 1969, instalou-se a Primeira Reunião dos responsáveis brasileiros pelo Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta. Com exceção do Prof. Celso Cunha, do Rio de Janeiro, por achar-se em reunião permanente no Conselho Federal de Educação, estiveram presentes todos os responsáveis, além da equipe de trabalho do Prof. Albino de Bem Veiga, de Porto Alegre.

Tomaram as seguintes decisões:

- 1) continuação da exigência das 400 horas de gravação;
- 2) critério de seleção dos informantes;
- 3) natureza dos textos a serem recolhidos;
- 4) requisitos que os informantes devem reunir;
- 5) tipos de gravadores, marcas de fitas e modo de gravação;
- 6) critério de estudo do *corpus* levantado;
- 7) elaboração do Guia-Questionário para o Projeto brasileiro. As partes do *Questionário* ficaram assim distribuídas:
 1. Fonética e Fonologia, e itens 8 a 13 do Léxico:
Prof. Nélson Rossi.

2. Substantivo e adjetivo, e itens 1 a 3 do Léxico:
Prof. Albino de Bem Veiga.
3. Pronomes, numerais e artigos, e itens 4 a 7 do Léxico:
Prof. José Brasileiro Vilanova.
4. Verbos: Prof. Ataliba T. de Castilho.
5. Advérbios e nexos, e itens 14 a 20 do Léxico:
Prof. Isaac Nicolau Salum.

Por proposta do Prof. Ataliba T. de Castilho, decidiu-se imprimir um volume para a divulgação dos documentos do Projeto.

Aprovou-se proposta do Prof. Nélson Rossi para que a reunião seguinte seja em Capivari, São Paulo, em comemoração ao cinquentenário de publicação d'O *Dialeto Caiçira*, do capivariano Amadeu Amaral.

Foi eleito novo Coordenador Geral do Projeto o Prof. Albino de Bem Veiga.

Reunião de Capivari

Com a presença dos responsáveis por Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, além de outros professores de São Paulo (capital e interior), realizou-se, de 24 a 28 de agosto de 1970, em Capivari, São Paulo, a Segunda Reunião do Projeto brasileiro.

Entre os assuntos da reunião, estão os seguintes:

- 1) leitura e aprovação do relatório de Porto Alegre;
- 2) relatório da situação do Projeto no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Salvador, em Porto Alegre; registrando-se a ausência do representante de Recife;
- 3) discussão do Guia-Questionário;
- 4) compromisso do grupo de São Paulo de publicar os documentos básicos do Projeto;
- 5) eleição do Prof. Isaac Nicolau Salum para a Coordenação Geral do Projeto até a próxima reunião.

Como conclusão da reunião, os responsáveis pelo Projeto no Brasil firmam uma declaração, na qual resumem as realizações desde 1968 no México até o encontro de Capivari, terra natal do autor d'O *Dialeto Caiçira*, cujo cinquentenário então se comemorava.

LOPE BLANCH, Juan M. — *La Filología Hispánica en México*. Tareas más urgentes. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1969, 80 pp.

Juan M. Lope Blanch é Professor no «Colégio de México», Diretor da *Nueva Revista de Filología Hispánica*, tendo publicado diversos estudos dialetológicos sobre o espanhol do México, bem como ensaios sobre matéria sintática.

O objetivo dêste livro é assinalar as omissões que se têm notado no estudo do espanhol do México e indicar as tarefas mais urgentes para saná-las. Segundo o A., há três aspectos a abordar:

- I) Estudo e descrição da língua espanhola que chegou ao México no séc. XVI.
- II) Investigação rigorosa da evolução que êsse sistema seguiu no México daquela época até nossos dias.
- III) Estudo e descrição do estado em que se encontra atualmente o espanhol mexicano.

A primeira das tarefas reporta-se ao estudo do espanhol europeu do séc. XVI e do espanhol nos primeiros pontos de sua implantação na América: o espanhol das Canárias e das Antilhas. Será necessário estudar a linguagem dos missionários e cronistas, tal como a deixaram nos documentos escritos da época. Para tal, há de fazer-se inicialmente uma edição filológica daqueles autores, pois as edições dos historiadores não são seguras do ponto de vista lingüístico. Tôda uma série de documentos lingüísticos deve ser preparada prèviamente, à semelhança do que fizeram Ramón Menéndez Pidal e seus discípulos para o espanhol medieval. Este plano do A. foi recentemente acolhido pela Comissão de Lingüística Iberoamericana do VI Simpósio do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (San Juan de Puerto Rico, 14-19 de junho de 1971), tendo-se designado uma comissão para estudar a matéria.

No capítulo seguinte tecem-se algumas considerações sôbre a evolução do espanhol do México, algumas das quais mera aceleração de processos já iniciados na Península Ibérica: o seseo, a confusão entre *x* e *j*, etc. Para proceder a um estudo consciencioso da matéria, é preciso conhecer bem a língua dos indígenas que habitavam o México à chegada dos espanhóis. E quanto às contribuições dessas línguas, é preciso, no caso do México, e para além dos repertórios que se publicaram, estudar a distribuição geográfica das palavras dessa origem, sua vitalidade e matizes estilísticos, grau de castelhanização de sua fonética. O A. mostra também como o andamento das pesquisas comprovou o hispanismo de certos dados morfológicos e

sintáticos atribuídos ao náhuatl (pp. 26 e ss.). Outros fatores da evolução histórica do espanhol no México são as influências das línguas africanas (p. 31), o eventual andaluzismo dessa variante linguística, o nível cultural dos colonizadores e sua consequência no espanhol transladado para a América, seu arcaísmo, influências do inglês, etc.

No capítulo terceiro traçam-se algumas considerações sobre o estudo do espanhol mexicano de nossa época. Defende o Prof. Blanch o estudo sistemático do falar urbano em sua modalidade falada e escrita. Quanto à norma falada culta, apresentou ao II Simpósio do PILEL, em 1964, projeto a que nos referimos no artigo «A Descrição do Português Culto, publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, edição de 23-3-1969, e cujo histórico saiu em seguida no volume *Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil*, Marília, Conselho Municipal de Cultura, 1970, 81 pp. Ainda recentemente, por ocasião do já citado VI Simpósio do PILEL, relataram-se as conquistas do projeto de Lope Blanch em diversas capitais latino-americanas, bem como alguns aspectos de sua implantação no Brasil.

Também os falares rurais têm sido estudados no México, estando em exame a divisão linguística formulada em 1921 por Henríquez Ureña. Três etapas caracterizam esse trabalho: a) inquéritos de sondagem em vinte localidades, gravando-se dez horas em cada uma b) «Com a informação recolhida na etapa inicial, preparou-se um questionário prévio no qual se recolhem os problemas de caráter fonético, gramatical e léxico que os questionários anteriores mostraram ser mais produtivos, mais diferenciadores. Reúnem-se nêle 482 perguntas, mas em algumas delas se indagam duas ou mais questões linguísticas, aproximando-se o total dos problemas estudados a mil» (p. 54). Essa etapa está em desenvolvimento. c) Aplicação do questionário anteriormente citado em 250 povoados, com o que se terá reunido material para «determinar com relativa precisão as diversas áreas dialetais do país». Encerram o capítulo algumas indicações bibliográficas e preciosas orientações metodológicas para a elaboração de uma monografia sobre matéria dialetológica (pp. 55-60).

Mais de uma qualidade tornam este livro de leitura externamente agradável e proveitosa. Inicialmente, o equilíbrio que marca as posições do A., sempre atento aos progressos da Linguística, sem que nunca isto implique no desprezo das lições do passado. Depois, as muitas sugestões que este trabalho encerra para o desenvolvimento harmonioso da Linguística na América Latina em geral. Acredito que os responsáveis pelo planejamento da pesquisa linguística em nosso país (e estou pensando particularmente nos novos cursos de Pós-Graduação ora em fase de instalação) devam ler atentamente o livro de Lope Blanch, cuja liderança na América Latina se positivou muito marcadamente desde que seu projeto de estudo da norma culta assumiu as dimensões que hoje conhecemos.

De outro lado, consideradas as analogias históricas observadas na romanização do México e na do Brasil, poderia o estudo da língua portuguesa em nosso país beneficiar-se largamente das recomendações que Lope Blanch formula para o caso mexicano, o que nos levaria a sair do atual estado de apatia em que se encontram os trabalhos dessa espécie entre nós.

ATALIBA T. DE CASTILHO

DIVERSOS — Methodology and Linguistics (for the Brazilian Teacher of English). A Book of Readings, São Paulo, Livraria Pioneira Editôra. 1970, 95 páginas.

Trata-se de uma coleção de dezenove artigos selecionados de várias obras e revistas especializadas no campo da Lingüística Aplicada ao ensino de uma língua estrangeira. Seus autores são algumas das mais destacadas autoridades no assunto, tais como Robert Lado, Peter Strevens, Edward Anthony, J. Donald Bowen, S. Pit Corder, Wilga Rivers, Fe R. Dacanay, William F. Mackey, Earl Stevick, Wayne Harsh, Ronald Wardhaugh, David P. Harris, Maria Antonieta Alba Celani, F. Gomes de Matos, David De Camp, Alfred S. Hayes, Wallace E. Lambert, G. Richard Tucker e James W. Ney. O trabalho editorial esteve a cargo do Professor F. Gomes de Matos, Diretor Pedagógico Nacional do Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi.

O Prof. F. Gomes de Matos faz a apresentação desta Antologia afirmando que sua publicação se deve a mais uma iniciativa do Instituto de Idiomas Yázigi no sentido de promover maior difusão dos resultados das pesquisas elaboradas no campo da Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. Sendo assim, os artigos selecionados tratam de problemas relativos ao ensino de idiomas e aos progressos verificados naquele fascinante campo de estudos, ainda pouco explorado entre nós. O primeiro artigo apresenta uma breve análise sôbre os estágios que caracterizam a evolução do ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras desde 1855 até nossos dias. O segundo, o oitavo e o décimo-primeiro artigos põem em destaque importante papel que a Ciência da Linguagem e a Lingüística Aplicada representam no ensino de línguas estrangeiras atualmente. Nos artigos quarto, quinto e décimo-nono os autores tecem considerações sôbre Metodologia do ensino do Inglês como língua estrangeira. O sétimo artigo discorre sôbre o valor de uma análise contrastiva aplicada a qualquer aspecto da língua (fonologia, morfologia, sintaxe e léxico) como um dos meios mais modernos e eficazes no ensino de língua estrangeira, além de focalizar

o problema dos testes de verificação da aprendizagem. Os artigos terceiro, sexto, nono, décimo, décimo-segundo, décimo-quinto, décimo-sexto e décimo-sétimo prendem-se a considerações sôbre os diversos tipos de abordagem não só em relação ao trabalho de ensino como também à preparação e treinamento de professores de Inglês. Nos artigos décimo-terceiro e décimo-quarto encontraremos uma análise sôbre o problema da escolha do livro de textos e, finalmente, no décimo-oitavo artigo três autores apresentam uma lista de aspectos principais e secundários que êles acreditam serem importantes para o conhecimento e domínio de uma língua estrangeira. A Antologia traz ainda uma bibliografia comentada que relaciona trabalhos sôbre Lingüística Geral, Lingüística Inglêsa, Metodologia e o ensino do Inglês como língua estrangeira. Há também uma lista de bibliografias especializadas, revistas, dicionários, publicações disponíveis em língua portuguêsã e endereços úteis de editores no campo do TESOL (Teaching English to Speakers of Other Languages).

O Instituto de Idiomas Yázigi tem exercido uma liderança incontestável no campo do ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Além da **implantação** de métodos bastante modernos, o Instituto é pioneiro na criação de um Centro de Lingüística Aplicada (CLA), de um Conselho Técnico Nacional que é constituído de estudiosos renomados no campo da educação, da cultura e da Lingüística, na promoção de vários seminários de estudos em diversas capitais e cidades brasileiras. Por sua iniciativa, têm sido publicados manuais pedagógicos destinados à formação básica de professores e também o *Manual dos Pais* que traz orientação salientando “a importância do início da aprendizagem pelas crianças na fase da pré-adolescência”. (p. 9) O Yázigi promove também a publicação da revista *Estudos Lingüísticos* (iniciada em 1961 com o título de *Estudos*), especializada em Metodologia do Ensino de Línguas e em Lingüística Aplicada. E agora, esta Antologia, a primeira em uma série de livros, pela seleção dos artigos e indicação de uma bibliografia especializada, constitui outra valiosa contribuição do Yázigi àqueles que se preocupam com a Metodologia e com a aplicação dos princípios e conceitos da Lingüística ao ensino de línguas estrangeiras. O conhecimento humano tem feito progressos constantes e a Ciência da Linguagem tem que acompanhar esta evolução. Segundo o Prof. F. Gomes de Matos no seu artigo intitulado «Lingüística e o Ensino do Inglês como Língua Estrangeira», quanto maior fôr o conhecimento científico da língua humana, mais claramente delineada ficará a tarefa pedagógica. Os métodos tradicionais, tão ineficientes, mas ainda tão usados no ensino de línguas estrangeiras, têm que dar lugar à aplicação de novas técnicas e métodos específicos resultantes da pesquisas e descobertas lingüísticas. A Lingüística Aplicada, campo que se expande vigorosamente, desempenha um papel importante no ensino de uma língua estrangeira, no da própria língua nativa e, segundo descobertas mais recentes, também no ensino de uma língua padrão àqueles que por falta de oportunidades culturais não a adquiriram, ou

àqueles que falam uma língua índia ou estrangeira em casa. Oxalá a publicação concorra para integrar o Brasil na florescente Lingüística Aplicada, e suscite de parte de nossas instituições universitárias um empenho maior em versar essa ciência.

ARLETE BONATO DE AZEVEDO FIGUEIREDO

HÉLDER, Herberto. *Os Passos em Volta*, Lisboa, Editorial Estampa, 1970, p. 165 pp.

Passos em volta, livro de problemática conceituação (contos?, crônicas romanescas?, ensaios?) de Herberto Hélder apresenta as seguintes composições: «Estilo», «Holanda», «Sonhos», «Polícia», «O Grito», «Os Comboios que vão para Antuérpia», «Lugar Lugares», «O Coelacanto», «Escadas e Metafísica», «Doenças de pele», «Descobrimento», «Aquele que dá a vida», «Como se vai para Singapura», «Teorema», «Cães, Marinheiros», «Equação», «O Quarto», «Vida e obra de um poeta», «Duas pessoas», «Poeta Obscuro», «Coisas elétricas na Escócia» «Brandy» e «Trezentos graus».

As histórias (ou narrativas) de Herberto Helder dividem-se entre a criação literária, a ficção, a poesia, a crônica, a reportagem, de sorte que não pretendemos aqui, estabelecer as fronteiras entre cada uma das narrativas mas apenas aflorar problemas de ordem geral.

Antônio Quadros em lúcido comentário acerca do livro, publicado em *Crítica e verdade* fala em contos, o que daria a impressão que realmente neles se criaria uma supra-realidade, e apresentariam dose de ficção. Acontece que alguns deles apresentam observações ligeiras ou profundas sobre fatos observáveis, o que encaminharia Hélder para o campo da reportagem ou da crônica.

A análise de *Os Passos em volta* (aceitemos que formalmente possam ser contos, tomado este termo num sentido muito lato), confirma que na sua linguagem, na preocupação com a criação artística, no cultivo de um enorme subjetivismo, na alta temperatura emotiva e sensorial (com a leve ou profunda análise de tal vivência), pela tentativa de fixar alguns momentos no plano psicológico, Herberto Hélder continua a ser visceralmente um poeta. E, então, impõe-se a aproximação com os poemas que foram reunidos em *Ofício Cantante*. De certo modo, a vasta experiência sentimental, sensorial e intelectual que as personagens vivem em termo de história, de enredo (de discurso literário, como querem os estruturalistas), que se

revela em *Os Passos em Volta*, aparece filtrada, indiretamente em *Ofício Cantante*.

A presença em muitas narrativas de *Os passos em Volta*, de Herberto Helder, a presença de um «eu» que se observa, e se analisa com alta temperatura emocional e erótica, mostra antes, que parece estarmos diante do que se convencionou chamar de «prosa poética».

Por outro lado, há ainda um fenómeno curioso, consistente na preocupação que Helder revela sobre o assunto que está a debater e especialmente sobre uma «maneira», a se criar. O primeiro conto (chamemo-la assim) «Estilo» retoma a reiterada preocupação com o processo criativo (que aparece em muitos poemas de *Ofício Cantante*) da coisa e da palavra, no plano da prosa ou da poesia:

«Vejam: o estilo é aquela maneira subtil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. Faço-me entender? Bem, não agüentamos esta desordem estuporada da vida. Então, pegamos nela, reduzimo-la a dois ou três tópicos que se equacionam. Depois, por meio de uma operação intelectual, dizemos que esses tópicos se encontram no tópico comum, suponhamos, do Amor ou da Morte. (*Os Passos em Volta*, p. 13).

Tal conto é todo um depoimento sobre o estilo, o poema, a problemática de sua concepção e realização.

«Trata-se do excerto de uma poesia. Gosta de poesia? Sabe o que é a poesia? Tem o medo da poesia? Tem a terrível alegria da poesia?

«Duas Pessoas», que é rigorosamente um conto, porque tem personagens, enredo, história, que centra-se num conflito com unidade de tempo, espaço e ação, é das narrativas mais bem construídas, inclusive pelo irrepreensível exercício de deslocamento do foco narrativo (ora a 1.ª pessoa do narrador masculino, ora da personagem feminina).

Livro em que o artista constrói e se reconstrói ao nível do estilo, da palavra, da linguagem, *Os Passos em Volta* constitui elemento indispensável para se conhecer a problemática geral da obra de Herberto Helder.

Livro de amor à mulher, à criança, ao estilo, à poesia, à vida, enfim, constitui leitura obrigatória aos amantes da Literatura Portuguesa em particular e da boa prosa poética em geral.

RENARD, Jean Claude — *Notes sur la poésie*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, 155 pp.

O autor de *Métamorphose du Monde* nos apresenta agora um livro de teoria da poesia, importantíssimo, por enveredar por inúmeros problemas profundos da comunicação poética e por estar numa linha moderníssima da crítica literária.

O livro compreende duas partes com os seguintes capítulos: «Langage, poésie et réalité» e «Poésie, et foi, poésie et ascèse e la poésie et le sacré», antecedidas de um avant-propos.

O livro é rigorosamente de teoria poética. Em nenhum momento, o autor, ilustra com trechos de poesia, dêste ou daquele poeta, embora êle mesmo seja poeta.

Portanto, estamos diante de um autor, que realizando poesia, parou, refletiu e agora nos apresenta um livro cheio de sugestões e afirmações.

E vale apenas começar, citando as três primeiras linhas do livro:

«Le premier problème du poète est de parvenir à se servir du langage pour exprimer son propre univers tout en laissant au langage la liberté de s'exprimer lui-même.

Já percebemos o interesse de J.C.R., desde o início de estudar as relações do poeta com a sua linguagem, um em estreita dependência do outro. A poesia não é só aquilo que é o poeta mas constitui um processo de linguagem ela mesmo, a tal ponto que o poeta se transforma na linguagem e a linguagem se transforma no poeta, conforme o A. afirma no início do capítulo 6: «Le poète, en écrivant, devient d'une certaine manière le poème qu'il écrit — et le poème, en s'écrivant, devient d'une certaine manière le poète qui l'écrit».

Das relações íntimas entre o poema e poeta resulta o estilo, a qualidade inconfundível que distingue um poeta de outro, e uma linguagem poética de outra.

O problema da poesia como palavra original, reportando a Raul Valery é outro ponto defendido por J.C.R. e que também foi levantado por um outro teórico da poesia, e também poeta, Octávio Paz.

J.C.R. está na linha dos grandes teóricos da poesia e da Literatura em geral, como Jean Starobinski, Maurice Blanchot e outros, portanto, dentro de uma linha moderníssima européia da teoria da literatura.

O primeiro capítulo trata especialmente das relações entre o poeta e a poesia e do poema como expressão fechada em si mesma e abrindo-se

amplamente para permitir múltiplas interpretações na linha amplamente discutida por Umberto Eco em seu livro *Obra aberta*.

O livro de J.C.R. é de todos os modos inovador, nesse aspecto e diz textualmente, a propósito:

«Cela signifie que le langage poétique doit être à la fois un langage clos sur lui-même et qui se suffit à lui-même-et un langage ouvert à de qui le dépasse et sur ce qui le dépasse, c'est-à-dire un langage capable de communiquer avec l'être e d'être lui-même communicant et communicable en disant à la fois non seulement ce qu'il dit lui-même et de lui-même mais ce que le poète y dit et ce que le lecteur y lit». (p. 12).

Portanto, o livro estuda minuciosa e criteriosamente a poesia como realidade totalizante de que participam poeta, linguagem e leitor.

O A. aceita a idéia de que embora o poema constitua uma realidade fechada em si mesmo, encerrando um mundo inteiro, o fato é que êle permite inúmeras interpretações, portanto êle se abre, daí o fato de ser obra aberta.

O poema é a realidade escrita mas não é exatamente aquilo que são as palavras mas aquilo que a palavra não disse: o poema é o silêncio da palavra. «Hesitação entre o som e o sentido», segundo o próprio conceito de poema de Paul Valéry. O poema consegue dizer mas o mais importante é o que êle tem a sugerir, é o que não diz, é o silêncio.

A propósito da palavra poética como sendo o silêncio, diz J.C.R.:

Si bien que le langage poétique apparaît toujours d'une certaine manière moins comme une recherche du silence qui précède les mots que comme une découverte du sens (ou des sens) qui les précède silencieusement... (p. 46).

Portanto o A. renova a idéia em tórno do silêncio, mostrando, que êle vem antes da poesia e não depois..., repondo em novos tórmos tóda uma problemática em tórno da poesia simbolista e pós-simbolista.

Portanto, domina a poesia, todo um longo silêncio interior, que é a mesma hesitação de que fala Valéry e que existe entre o som e o sentido. Só que para J. C. R. a hesitação vai do silêncio à palavra poética, naturalmente.

Insistindo ainda na tecla de que poesia é a arte de dizer o indizível, o A. acentua bem que a poesia é uma verdadeira luta em que o poeta enfrenta com a palavra e com a linguagem até que êle se transforme nela e ela se transforme nêle.

A idéia de que o poeta se torna de certa forma o poeta e êste de certa forma se transforma naquele, já foi também explicitado por Alain Bosquet,

no seu livro *Verbe et vertige*, quando afirma: "le poète écrit son poème; le poème écrit son poète».

Claro que estas idéias de J.C.R. bem como esta de Alain não se aplicam a todos os poetas, por exemplo, não se aplica aos poetas menores; aplica-se àqueles grandes poetas que conseguiram criar um grande estilo, transformar-se numa linguagem com características específicas. No caso da Literatura Portuguêsa, por exemplo, aplica-se a poetas como Fernando Pessoa, Camões, Bocage, Antero, José Régio.

O livro de J.C.R. constitui-se obra de indiscutível valor e se situa dentro das modernas linhas da teoria da poesia e me parece fundamental para aquêles que desejam atualizar-se neste campo tão complexo quanto atraente, da teoria da poesia.

JOÃO DÉCIO

BARTHES, Roland — *Crítica e Verdade*, São Paulo, Editôra Perspectiva, 1970, 234 pp. (Tradução de Leyla Perrone-Moisés).

Roland Barthes, um dos mais consagrados nomes do estruturalismo na França, aparece agora traduzido em português, tornando-se mais acessível na sua linguagem nem sempre fácil, a propósito da coisa literária.

O livro compreende, além do prefácio, os seguintes estudos críticos: «Literatura e metalinguagem», «Escritores e escreventes», «A imaginação do signo», «A atividade estruturalista», «Estrutura da notícia», «A literatura hoje», «Literatura objetiva», «Literatura literal», «Uma conclusão sôbre Robbe-Grillet?», «Literatura e descontinuo», «Mãe coragem cega», «A revolução brechtiana», «De um lado e do outro», «As duas críticas», «O que é a crítica» e «Literatura e significação».

Realmente tudo é importante e sobreleva de interêsse no livro de Barthes, contudo os capítulos mais importantes são os relativos à teorização em tórno de problemas literários e especialmente em tórno do que o crítico chama de «atividade estruturalista».

O trabalho em questão coloca Roland Barthes ao lado dos grandes nomes da atualidade na França, tais como Jean Starobinski e Maurice Blanchot.

No capítulo dedicado à «Literatura e metalinguagem», o A. destaca

que a certa altura a literatura começou a se preocupar consigo mesma que até determinado momento «ela falava mas não se falava» e exatamente aí surge a chamada metalinguagem, porque a linguagem passa a se constituir simultaneamente sujeito e objeto. Diz, textualmente Roland Barthes:

«Durante séculos nossos escritores não imaginavam que fôsse possível considerar a literatura (a própria palavra é recente) como uma linguagem submetida, como qualquer outra linguagem, à distinção lógica: a literatura nunca refletia sobre si mesma (às vezes sobre suas figuras, mas nunca sobre seu ser), nunca se dividia em objeto ao mesmo tempo olhante e olhado». (p. 28).

O capítulo, aliás breve e bastante significativo, passa pela análise de Flaubert, Mallarmé e Proust e mostra que através deles é que foi gradativamente surgindo o interesse da literatura por si mesma, derivando daí a metalinguagem e a própria crítica literária moderna.

No trabalho dedicado a «Os escritores e os escreventes», o A. afirma que aqueles desempenham real função de criadores ou recriadores e que estes realizam uma atividade que não tem o mesmo alcance, porque nada criam. Acentua Roland Barthes:

«O escritor realiza uma função, o escrevente uma atividade, eis o que a gramática já nos ensina ao opor justamente o substantivo de um ao verbo (transitivo) de outro. Não que o escritor seja uma pura essência: êle age, mas sua ação é imanente ao objeto, ela se exerce paradoxalmente sobre o seu próprio instrumento: a linguagem; o escritor é aquele que «trabalha» sua palavra (mesmo se é inspirado) se absorve funcionalmente nesse trabalho.

Em «Imaginação do signo», o A. destaca particularmente a existência de três relações no signo, a primeira das quais é o símbolo e cuja resultante é a relação simbólica. A segunda refere-se à reserva ou memória organizada das formas e em terceira o signo já não se liga aos seus irmãos virtuais mas aos seus vizinhos.

No ensaio dedicado à «Atividade estruturalista», num tom discursivo quase polêmico, Roland Barthes afirma que o estruturalismo não é uma escola, nem um movimento, que é uma atividade mental em que as funções, formas, signos e significações adquirem indiscutível relevo. Lembra ainda que quando os críticos e estudiosos em geral, usam e aplicam termos como diacronia e sincronia, significado e significante, é que já se instalou a consciência estruturalista. Mais adiante acentua que é necessário falar em atividade estruturalista que implica em dois momentos, duas operações: desmontagem e arranjo.

Dos outros capítulos, os dedicados à «Literatura objetiva», «Literatura

literal», a «As duas críticas», «O que é a crítica» e «Literatura e significação», parece apresentar um interesse de ordem geral para o teórico da literatura ou para o estudioso em sentido amplo, da coisa literária.

Vale a pena talvez destacar o que o A. diz, sobre a importância da crítica, à página 161:

«Pois, se a crítica é apenas uma metalinguagem, isto quer dizer que sua tarefa não é absolutamente descobrir «verdades», mas somente «validades». Em si uma linguagem não é verdadeira ou falsa, ela é válida ou não: válida, isto é, constituindo um sistema coerente de signos».

Em síntese e em conclusão, para os que se interessam pelo estruturalismo, pelas mais recentes tendências da crítica literária, pelo teatro brechtiano, pelo romance de Robbe-Grillet, o presente livro de Roland Barthes, *Crítica e verdade*, revela-se riquíssima fonte de trabalho.

Constitui-se, obviamente, leitura obrigatória para todos os teóricos da literatura ou seus professôres.

JOÃO DÉCIO

SACRAMENTO, Mário — *Fernando Pessoa — Poeta da Hora Absurda*, 2.^a edição, Pôrto, Editorial Inova, 1970, 229 pp.

Sai a lume a 2.^a edição (e póstuma) do livro de Mário de Sacramento, sobre a poesia de Fernando Pessoa. A obra compreende além do prefácio, os capítulos seguintes: «A triste história das duas edições deste livro», «Encomendação do Autor aos seus numes tutelares», «Genialidade absurda», «O problema da unidade», «Hesitação reveladora», «A hora absurda», «Autopsicografia», «O antigênio», «Absurdo, lógica e linguagem», «Absurdo e metafísica», «Poesia e absurdo», a que se seguem a conclusão, o apêndice e a adenda.

Primeiramente, é preciso lembrar que a compreensão integral de um livro como o de Mário Sacramento, exige que o leitor tenha lido integralmente a obra pessoana e que já tenha tido oportunidade de pensar nos problemas, já que o livro é de discussão, embora não seja de polémica.

Em segundo lugar, além de estudar minuciosamente as características de cada heterônimo e do Pessoa-Êle-mesmo, M.S. atém-se também a considerações sobre os pontos de contacto dos heterônimos fazendo um levan-

tamento de versos com vistas à encontrar semelhanças. Isto revela a atenção e o cuidado da leitura da poesia de F.P. proposta e levada a efeito pelo A..

Além do mais, M.S. destaca a importância do trabalho de J. do Prado Coelho, embora faça-lhe algumas restrições. A aproximação de Mário Sacramento inclusive através de citação de versos do Pessoa-Êle-mesmo e dos heterônimos Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, revela atenta leitura e reflexão da poesia pessoana. Assim, é preciso recorrer constantemente à obra poética para se compreender num sentido amplo, êste livro de Mário Sacramento.

Outro aspecto relevante no livro é a discussão do problema do sincero e do verídico em Fernando Pessoa. O A. faz uma distinção, afirmando que Fernando Pessoa, embora pudesse discutir da sua sinceridade poética (daí o recurso do fingimento), jamais deixou de ser verídico.

Outro aspecto positivo do livro reside no fato de que Mário Sacramento estabelece considerações em tórno de Fernando Pessoa e sempre ilustrando com trechos de poemas dos livros e estão sempre a iluminar a poesia ou a prosa pessoana.

Ainda como dado positivo dêste livro de Mário Sacramento, é a aproximação que o crítico procede de Fernando Pessoa-Êle-mesmo e seus heterônimos. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, à página 195 do livro.

E a análise em profundidade realizada por Mário Sacramento não se restringe à poesia ou a prosa de Pessoa, mas à própria problemática (não tão importante quanto àquela) em tórno da heteroníma. Afirma o crítico às páginas 35 e 36:

«Convenhamos, antes de tudo, com alguns críticos de Pessoa em que há que distinguír o que a poesia heterônima manifesta de fato do que Pessoa lhe encomendou ou assinalou. Já nesse sentido insinuamos, aliás, que reputávamos ilusória e vã aquela pretensão das individualidades completas». Note-se, contudo: se êsse propósito «falhou», nem por isso existiu menos, e deixou, assim, de influir e caracterizar a obra realizada, pelo que não podemos senão dizer, num tal sentido, que o equívoco (?) em que os heterônimos tomaram origem frustou do mesmo passo autor e «subautores».

Tão só para êste efeito subscrevemos, «por agora», estas palavras de Joel Serrão: «Não há quatro poetas em Pessoa, mas um só, — um só poeta complexo». Daqui, porém, até concordar com Casais Monteiro em que Pessoa «inventou as biografias para as obras, e não as obras para as biografias», — manifestando, em conformidade, a obra heterônima «apenas» a riqueza de virtualidades de «uma» personalidade, de «um» poeta, de «uma» pessoa — vai um abismo, pois que se tal obra é efetivamente de «um»

poeta, de «uma» pessoa, é-o contudo em função dêste propósito (não só expresso-nítido): o de tal pessoa, o de tal poeta ter pôsto por ela. «Quem causa o próprio problema da personalidade», rumando à incoincidência dêste termo de uma pessoa com êsse outro termo «uma personalidade». (pp. 35-35).

Através dêste trecho do livro em questão, pode-se facilmente inferir da importância dêste *Fernando Pessoa, poeta da Hora Absurda*.

Em síntese e em conclusão, por centrar-se na análise da poesia e da prosa de Fernando Pessoa, por aproximar corretamente Fernando Pessoa de seus heterônimos, pela discussão da bibliografia em tórno do poeta, constitui-se a obra em questão, de Mário Sacramento, consulta obrigatória para todos os estudiosos da poesia de Fernando Pessoa.

Não encerramos, sem repetir. Para o cabal entendimento do trabalho em epígrafe, é necessário, é imprescindível mesmo que se tenha lido a totalidade daquilo que em prosa e em verso publicou Fernando Pessoa.

JOÃO DÉCIO

FERREIRA, Vergílio — *Invocação ao meu Corpo*. Lisboa, Portugália Editôra, 1969, 407 pp.

Vergílio Ferreira, novamente no mundo do ensaio, nos apresenta agora êste *Invocação ao meu corpo*, acurada incursão na dimensão espiritual e material do corpo humano. Poucos filósofos e ensaístas têm-se debruçado com tanta segurança e profundidade na problemática do ser humano quanto V. F. neste livro que sôbre ser ensaísta, mantém em muitos momentos uma atmosfera de ficção, o que assinala mais uma vez a impossibilidade quase de raiz, de o A. separá-la do ensaísmo. Veja-se o que acontece em *Aparição*, *Estrêla Polar*, *Alegria Breve* e mesmo ocasionalmente em *Nítido Nulo* e confirmar-se-á a obsessão de Vergílio Ferreira pelo processo de associar o romance ao ensaio.

Esta presença do elemento ficcional ou romanesco, evidenciado por um «eu» que vive os problemas ao nível do ensaio faz com que os mesmos problemas ensaísticos ganhem nova dimensão.

E, antes de continuar neste “voil d’oiseau” em tórno dêste *Invocação ao meu corpo*, fazemos uma invocação aos editôres brasileiros, no sentido de que, da mesma forma que vêm fazendo com os livros de Ferreira de Castro e Fernando Namora, que “descubram” a obra ensaística e romancística de Vergílio Ferreira

e a editem no Brasil. Romances como *Aparição*, *Estrêla Polar*, *Alegria Breve*, *Nítido Nulo* e ensaios como *O Existencialismo é um Humanismo*, *Espaço do Invisível*, *Carta ao Futuro* e *Invocação ao meu corpo* estão a exigir edições brasileiras. Lembre-se que algumas obras de Vergílio Ferriera, como *Alegria Breve* já foram traduzidas para o francês e se a França começa a editar é sinal de que a obra deve ter real valor e merecimento como na realidade tem.

Mas voltemos à *Invocação ao meu corpo*, onde em 300 páginas nunca V. F. diminui o tom de seriedade com que analisa a problemática existencial do homem na tentativa de equacionar a dualidade corpo-alma.

Neste livro, a propósito de associação do ensaísmo como a ficção, há momentos em que V. F. fala, por exemplo, na criação do romance, na sua problemática, como acontece também em *Estrêla Polar*:

«Fulgor que em si próprio se origina, êle unifica-se a todos os outros como fulgor que é, e dêles se separa como início de si. Sugeri um dia um romance que nessa zona se fixasse e desenvolvesse. Seria porém inteligível? Mundo estranho da realidade última de nós, palácio abandonado da fascinação e do assombro, dificilmente decerto aí poderíamos viver, orientar-nos nós que na consistência das realidades segundas, solidificadas, nos habituamos afirmar os pés, nos para o que fazer, o projetar-mo-nos para além de nós é a condição do princípio que nos vive, para quem a ação-reação é a determinante do como estar no mundo. Escreverei eu um dia êsse romance? Mas a minha vida está já longe dêle, a hora do meu encontro com êle passou.» (pp. 84-85)

A análise do corpo como entidade completa de espírito e matéria é exaustivamente processada, pois basta que se atente para o índice geral de *Invocação ao meu corpo*: Coordenadas: I — Sob o signo da Noite; II — A Pergunta e a Interrogação; III — A Verdade Absoluta; IV — O Mito e sua Mistificação; V — Presença Ausente. O Espaço do originário, o Eu; VI — Questão ao Questionador; VII — O «Eu» e o Presente; VIII — Do Passado e do Futuro; IX — Razão, A Razão e a Razão dialética; X — Liberdade. Quatror Mitos Modernos; XI — Acção; XII — Erotismo; XIII — Arte; XIV — Deus e Invocação ao meu corpo; XV — Subjetividade do corpo; XVI — Ode ao Meu Corpo; XVII — Na Hora Técnica; XVIII — Questão final.

Dissemos no início de nossas considerações que neste livro que é um ensaio, acha-se presente o elemento ficcional evidente desde o início onde um «eu» se ergue vivendo a problemática, e lembrando desde o início mesmo do romance *Aparição*:

«Pela noite fechada de silêncio, escrevo. É uma noite de inverno, limpa, definitiva, uma evidência brilha na sua lineari-

dade, no diagrama das estrelas... Olho-a, ouço-a. Tôdas as vozes obscuras, como bichos noturnos, sobem ao limite do meu espanto, da minha vigília. São as vozes da minha gravidade, da fragrância terrível, do excesso que me violenta. Estão aí, falam. Vêm na opressão da montanha, tôda aberta à minha frente, do espaço irradiado, do silêncio que cresce desde a imobilidade da Terra». (pp. 11)

O espanto diante da realidade, porque aprofundada demais pelo ensaísta, e o tom poético, no erguimento do «eu», que num instante quer seguir a eternidade, assinalam tônicas presentes no romance e no ensaio de Vergílio Ferreira.

Pelo índice podemos notar que todos os aspectos essenciais do «eu», no processo invocativo do corpo, acham-se presentes, não no sentido de explicar (o que no limite é inexplicável) mas de interpretar a presença do ser no mundo: a verdade, o mito, a presença e a ausência, o presente, o passado e o futuro, a liberdade, a acção, o erotismo, a arte, Deus.

O A. tenta resolver a dualidade espírito-matéria e afinal não há dualidade nenhuma. O capítulo sôbre erotismo, confirmado algumas tônicas do romance (*Aparição, Estrela Polar, Alegria Breve*) de que todo espírito é matéria e tôda matéria é espírito, e com isso remontamos à poesia de Fernando Pessoa e reportamo-nos à poesia de Herberto Helder, das mais puras e primitivas vozes da atual poesia portuguesa.

O tempo, a arte, Deus, a liberdade, a acção, o erotismo, sob um prisma nôvo, porque nova e original é abordagem do corpo neste livro, resolvem a problemática do homem como ser no mundo, e nos levam a «assumir» tais problemas, dentro de uma dimensão atualíssima e dilemática.

Confirma, V. F. neste *Invocação ao meu corpo*, as qualidades de vigoroso ensaísta, em que está presente a dimensão poética e ficcional do mundo. Livro indispensável, livro que não pode ser adiado em sua leitura.